

SOBRE DISCIPLINA E ROTINAS DE ESTUDO

Leonardo Machado

Há um certo hábito de se relacionar disciplina com austeridade, rigor, falta de flexibilidade, método, dureza. Embora sejam aspectos disciplinadores, nenhum destes é disciplina. Esta palavra, que vem do latim, refere-se aquilo a ser ensinado. Seu polo complementar, é o discípulo, ou aquele que aprende. Ser disciplinado é ter a extrema humildade de estar sempre atento para aprender; ser aquele que aprende é também ser aquele que não sabe. Não saber é fundamental para aprender. Quem já sabe não está ouvindo. Ouça. Pergunte.

Ter um controle rigoroso do tempo de estudo é na maioria das vezes entediante. É inegável, todavia, que a combinação entre organização e repetição pode proporcionar desenvolvimentos específicos em ritmo acelerado. Por isso, “técnica” no sentido mais ordinário do termo, é só uma repetição, a internalização de um mecanismo, algo sem vida. Trago algumas sugestões para vocês pensarem a técnica em sentido mais amplo e espero que encontrem seus caminhos para a disciplina. Não confiem nas repostas imediatas. Quanto mais rápida, mais mecânica. Tenha espírito, não seja um robô.

1 - Os aquecimentos/alongamentos devem respeitar os limites do corpo. Tenha em mente que é necessário preparar-se para tocar bem, do ponto de vista físico, assim como um atleta se aquece antes de competir. Repito, **FISICAMENTE**, os cuidados devem ser tão rigorosos quanto, para evitarmos tendinites e outras inflamações indesejadas.

2 - Técnica não é velocidade. Toda a interpretação das peças estudadas passa por um crivo técnico: expressão dos vibratos, *bends*, articulação (ligado ou destacado), a forma específica de palhetada (alternada, *sweep*, híbrida) ou dedilhado e, **PRINCIPALMENTE**, que a peça seja tocada com as divisões rítmicas claras, indicando compreensão melódica (musical!) das frases que estão sendo tocadas. Como eu digo, técnica não é só tocar "com o olho"; não é o que os dedos fazem, mas

o som que resulta desse processo. Fechem os olhos e abram os ouvidos às vezes.

3 - Teoria é chata mesmo e você só estudará isso se escolher. Eu recomendo. Se não houver interesse, "toque de ouvido", não há problema se alcançarmos o resultado que nós mesmos determinamos para nossa busca. Você é responsável pelo seu desenvolvimento, não apenas musical mas enquanto ser humano.

4 - Sempre haverá escalas, arpejos, substituições e outras informações de harmonia para estudarmos, por isso, NÃO SE AFOBE. O fundamental é conhecer bem a escala diatônica, a pentatônica, e as relações harmônicas resultantes: campo harmônico em tríades, tétrades, nonas, aplicações modais e um mínimo das funções dos acordes (tônica, subdominante e tônica). NÃO ADIANTA memorizar escalas harmônicas, melódicas, diminutas, tons-inteiros, indianas, japonesas ou até marcianas se não formos capazes de lhes reconhecer as características estruturais e algumas formas de utilização MUSICAL dessas informações. Minha sugestão é sempre passar um tempo ACUMULANDO (memorizando formas/*shapes*, padrões e encadeamentos) e outro tempo APLICANDO (improvisando) e RECONHECENDO (transcrevendo). Quanto tempo? É você quem estabelece suas finalidades!

5 - O estudo de repertório cumpre a função de nos lembrar que nossa finalidade é lidar com uma forma de ARTE MUSICAL. O motivo pelo qual devotamos tanto tempo de nossas vidas ao estudo: M Ú S I C A . Não se esqueça disso e bons estudos.

6 - É um último, misto de pedido e conselho: conheçam o equipamento que vocês tiverem acesso. É ótimo pesquisar os timbres dos grandes, mas nomes de marcas e modelos não fazem nada pelo seu ouvido. Saiba como equalizar a caixa que você tem. Depois, equalize a do vizinho, a do estúdio, a do amigo. Compare-as. Trace formas de memorizar os sons, as características dos instrumentos, pedais e amps que tocar. Experimente e crie um banco de dados mental. Crie analogias malucas. Vale tudo. Reconhecer o timbre é um trabalho dos ouvidos, não dos olhos. Ouça.